


## DECOLONIZANDO O LIMIAR DO FUTURO

 10.56238/costssbernovasper-006**Ricardo Valim**

Lattes: 3074004049762932

ORCID: 0000-0002-7790-6148

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Professor de Filosofia do IFRO Câmpus Porto Velho Calama, Porto Velho, Rondônia, Brasil

E-mail: ricardo.vallim@ifro.edu.br

**RESUMO**

A todo instante a realidade passa por transformações sejam de ordem natural ou apenas orquestradas pelo próprio ser humano. Os povos indígenas são um caso a ser estudado com a máxima atenção, sobretudo, pelo uso das tecnologias, das artes e da literatura. Sua apropriação destes elementos tem possibilitado a amplificação de suas vozes ancestrais para descolonizar o pensamento em prol do cuidado para com os demais seres da criação. Objetiva-se neste artigo analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para encontrar elementos-chaves para compreender mais profundamente a dinâmica espiritual e a perspectiva de futuro. Espera-se neste processo compreender a perspectiva de mundo que o pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas perspectivas espirituais. Descolonizando o pensamento abrir-se-á novas portas de saberes para a mudança. A metodologia utilizada consiste na leitura e análise de textos de autores indígenas brasileiros contemporâneos tais como: Davi Kopenawa, Kaká Werá Jecupé e Ailton Krenak. A partir desta análise conclui-se que o ser humano ocidental precisa reconectar-se com sua verdadeira essência para que perceba a beleza e riqueza do meio ambiente no qual está imerso. A finalidade disso é se reconhecer parte e não dominador e por isso mesmo criar estratégias para cuidar melhor do ambiente em que vive.

**Palavras-chave:** Povos, Sabedoria, Ancestrais, Compreender, Perpetuar.

**1 INTRODUÇÃO**

O ser humano desde tempos imemoriais procura por respostas diante do mistério que é a vida. Tal inquietação permitiu à humanidade desenvolver diversas formas de responder a questões básicas como: de onde viemos? para onde vamos? quem somos nós? Responder a estes questionamentos parece ser um nobre dever que permite ao ser humano desvendar o mistério de si mesmo que transcende sua própria existência.

Evidente que com os avanços tecnológicos o ser humano encontrou respostas variadas para seus processos evolutivos, para o desenvolvimento da filosofia, explicações de mundo e tantas outras que foram consideradas necessárias para se responder. No entanto, existe algo que nos escapa e que carece de entendimento e respostas plausíveis.

Entende-se que o ser humano pertencente a essa realidade possui uma dimensão espiritual que existe independentemente se cremos ou não, ou seja, o ser humano manifesta seu apreço por algo que

ultrapassa sua existência material. Seria ilógico, portanto, negar tal fato com a existência de tantas expressões religiosas contemporâneas e aquelas que se tem conhecimento a muito extintas.

Objetiva-se neste artigo analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para neles encontrar os elementos chaves para uma compreensão mais profunda da dinâmica espiritual. Espera-se neste processo compreender a perspectiva de mundo que o pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas perspectivas espirituais.

É preciso destacar ainda que o presente artigo é componente dos estudos realizados até o presente momento em minha pesquisa sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO Câmpus Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital N° 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

## **2 AS VOZES ANCESTRAIS NA LITERATURA PARA SE PENSAR O FUTURO**

Nas obras literárias indígenas brasileiras contemporâneas é nítida sempre a presença dos elementos sobrenaturais de cada povo. Estes elementos são importantes porque dão sentido à existência destes povos. Seu ser, sua existência e a dinâmica existencial dos demais seres estão sempre atrelados a estes aspectos que emanam da espiritualidade indígena. Espiritualidade essa que é passada geração após geração pelos séculos afora. Este é o repertório das vozes ancestrais que falam ainda hoje a todos os que estiverem abertos a ouvi-las.

Neste sentido é que se percebe em autores como Davi Kopenawa (2015) que existe a pretensão de levar os seres humanos brancos ocidentais a uma compreender de forma mais profunda os elementos constituintes da dinâmica espiritual proveniente da floresta:

Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância. Porque se a floresta for completamente devastada, nunca mais vai nascer outra. Descendo desses habitantes da terra das nascentes dos rios, filhos e genros de Omama. São as palavras dele, e as dos xapiri, surgidas no tempo do sonho, que desejo oferecer aqui aos brancos. Nossos antepassados as possuíam desde o primeiro tempo. Depois, quando chegou a minha vez de me tornar xamã, a imagem de Omama as colocou em

meu peito. Desde então, meu pensamento vai de uma para outra, em todas as direções; elas aumentam em mim sem fim. Assim é. Meu único professor foi Omama. São as palavras dele, vindas dos meus maiores, que me tornaram mais inteligente. Minhas palavras não têm outra origem. As dos brancos são bem diferentes. Eles são engenhosos, é verdade, mas carecem muito de sabedoria. (KOPENAWA, 2015, p. 65).

Essas palavras têm ressonância ancestral e por isso tem sua importância e dignidade já que são um verdadeiro tesouro, uma riqueza, um verdadeiro patrimônio imaterial que atravessa gerações. São palavras que na sua autenticidade convidam a uma responsabilidade diante da humanidade e da natureza. Sem essa compreensão o ser humano continuará a devastar a natureza sem nunca refletir que está destruindo seu próprio lar que não é uma propriedade sua. Esta natureza que aí está tem sua origem na sabedoria dos deuses que a criaram, por isso carece de respeito e não de apropriação indevida.

Omama tinha muita sabedoria. Ele soube criar a floresta, as montanhas e os rios, o céu e o sol, a noite, a lua e as estrelas. Foi ele que, no primeiro tempo, nos deu a existência estabeleceu nossos costumes. Ele também era muito bonito. (KOPENAWA, 2015, p. 70).

A sabedoria neste sentido, passa a estar ligada ao patamar mais elevado da transcendência, isso implica no fato de que ser sábio ou adquirir sabedoria não é algo simples, mas compreende o elemento fundamental que é a doação por parte da divindade à humanidade. O caminho de sabedoria nesta perspectiva é outro e se insere no quadro das nobres atividades humanas por ter essa ligação tão especial e sobrenatural. Reconhecer esse primado divino por sobre a existência dos seres presentes neste mundo é reconhecer a sacralidade da vida em toda a sua extensão. Esse fato é de importância significativa para uma mudança de olhar por sobre a realidade vista agora sob a perspectiva do sagrado.

Na literatura indígena brasileira contemporânea os elementos de uma perspectiva nova de olhar por sobre a realidade aparecem de forma significativa, assim como o olhar do indígena por sobre si mesmo como autocrítica.

O índio foi imaginado pela mente ocidental do século XVI como uma cultura sem rei, sem fé, sem lei – assim registraram alguns escritos da época. No século XX, a sociedade brasileira de maneira geral chama de índio o sujeito violento, bárbaro ou o miserável que mora em casas improvisadas. Chama de índio também os representantes das etnias que ainda vivem dentro da proteção de um ecossistema, como o amazônico ou o mato-grossense. Costuma qualificar o índio pela aparência (preferencialmente nua e pintada), pelo exotismo e, sobretudo pela dificuldade de comunicação com a sociedade vigente. (JECUPÉ, 2001, p. 95).

A partir deste ponto o indígena pode por suas próprias palavras pode requerer seu espaço de manifestação que com a presença das novas tecnologias tem possibilitado a amplificação de suas vozes ancestrais. Pode também por conta própria assumir a autoria de sua própria existência

refletindo sobre si mesmo e a partir de si mesmo. A escrita neste ponto serve como um condutor, um canal pelo qual é sistematizado, em caracteres, os saberes da palavra falada. As tradições que desde tempos imemoriais são passadas de geração em geração pela palavra falada agora encontram a possibilidade de ser eternizadas em palavras escritas em idiomas variados preservando assim estes saberes, chegando ao conhecimento das pessoas para além das fronteiras epistêmicas naturais.

É interessante esse movimento porque revela uma abertura para o diálogo em que os povos indígenas se dispõem a fazer uso dos recursos ocidentais para expor a sua maneira e tornar conhecido e compreensível seus desejos. Esses fatos permitem a percepção do indígena como alguém que está para além de velhos preconceitos. Sua compreensão de si mesmo transcende velhos padrões colocados por aqueles que se encontram distantes da dinâmica existencial das comunidades indígenas.

Se no passado agentes externos diziam o que os povos originários eram, agora estes mesmos povos podem dizer o que são para si mesmos e mais fazendo apropriação da própria tecnologia e modo de fazer literatura, arte e música ocidentais. Essa compreensão existencial percebida na literatura não para por aí e atinge o patamar relacional entre ser humano e terra. Pois como afirma Kaká Werá Jecupé (2002):

Eu sou Kaká Werá Jecupé. Um txukarramãe. Um guerreiro sem armas. Nós, das nações indígenas, somos os guardiães da Terra. Anos atrás, minha tribo foi dizimada por seres em busca de ouro e território. Restou eu e minha avó. E durante todo esse tempo tem havido em muitos lugares do país gestos iguais a esse. E mesmo além de meu povo, além desses tempos, muitos outros foram dizimados. Se nós fossemos responder com a mesma ignorância, a Terra não existiria mais. Os chamados conquistadores exterminaram os incas, escravizaram negros e produziram holocaustos. A Grande Mãe recebe vossos atos diretamente no ventre, e nunca deixou de gerar recursos: seja para o prédio que a civilização constrói, a tecnologia que fabrica, ou a oca que nós fazemos. A Grande Mãe sente a civilização pisando sobre ela. Um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo. Um txukarramãe faz a dança da vida unindo o pé do real e o pé do sonho na mesma direção, no caminho do sol. Para um txukarramãe, as más pegadas, uma vez feitas, não são más pegadas, quando deixam vestígios, deixam lições. As boas, norteiam. A sociedade chamada civilizada se acha tão inteligente e repete milenarmente seus piores passos, suas piores danças. Chega de ignorância! Chega de holocaustos! Chega de massacres! (JECUPÉ, 2002, p. 78-79).

O reconhecimento do lugar de fala é a demonstração mais clara do sentido último da existência indígena que em sintonia com o cosmos circundante cria uma atmosfera de respeito. Nesta perspectiva a natureza e tudo que faz dela ser o que é não é estranha ao ser humano. O ser humano é mais um entre tantos outros seres que dependem da natureza para subsistirem.

Uma visão meramente utilitarista e mercadológica da natureza que a insere no quadro de recursos naturais como se de fato fosse mais uma ferramenta ao dispor do ser humano não convém aqui. Ou a natureza é mãe ou ela não é concebida pela compreensão indígena de outra forma. Até porque não se compreende que a natureza seja algo que esteja tão fora da relação entre ser humano e

ela própria. Ambas as existências, seja do mundo natural, seja do mundo humano estão em perfeita conexão. Cruzar este limiar é passar por uma linha tênue entre o mundo físico e o mundo espiritual que com sua reserva de sentido inunda o mundo físico de sabedoria e sentido de eternidade. E por isso mesmo é necessário pedir passagem com atitude de reverência diante do mundo, porque ele não é exclusividade para os humanos, somos uma parte dessa imensa massa cósmica.

### 3 TOCANDO SUAVEMENTE A TERRA

A vida que se vive aqui não é uma vida como outra qualquer porque é uma vida repleta de sentidos e significados. Em alguns momentos são perceptíveis, outros não, mas estão todos aí. Neste cosmo no qual todos os seres estão inseridos, nada é por ação do acaso ou destino e a vida pulsa constantemente para além das vãs fantasias humanas.

Se a vida que habita neste mundo for compreendida sob a ótica dos grandes conglomerados econômicos tudo não passará de apenas recursos naturais os quais se pode dispor a qualquer instante.

Ailton Krenak hoje é um importante líder indígena e ativista reconhecido por suas contribuições em defesa dos direitos dos povos indígenas têm uma visão crítica com relação ao desenvolvimento mercantilista e predatório e à destruição ambiental. Ailton Krenak utiliza a expressão "pisar suavemente sobre a terra" como uma forma de metáfora para transmitir sua cosmovisão sobre as relações entre os seres humanos e a natureza. Através da expressão "pisar suavemente sobre a terra" é feita a transmissão da ideia de que devemos buscar viver de forma harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente, reconhecendo que somos parte integrante da complexidade da vida e que nossa existência depende da preservação dos ecossistemas.

Além disso, "pisar suavemente sobre a terra" possui o significado ético de abandonar a mentalidade de dominação e exploração da natureza como recurso natural apenas, adotando uma postura de cuidado, preservação e gratidão. Por meio da ótica de Ailton Krenak recebemos o convite para repensar os modelos de desenvolvimento que priorizam o crescimento econômico em detrimento do bem-estar humano e ambiental.

Ailton Krenak compreende que se a humanidade quer ter um futuro melhor carece aprender com esses povos e utilizar sua sabedoria na edificação de um futuro equilibrado e sustentável para toda a humanidade.

O século XX foi próspero em mostrar o tanto de erro que foi feito em relação à quantidade e a maneira com que a civilização estava se ensoberbando da Terra. Tomando conta da Terra. Nos oceanos, nas florestas, em todos os cantos nós estamos como verdadeiras bactérias inteligentes tomando o domínio sobre todos os cantos do planeta. Não há novidade nisso que eu estou compartilhando com vocês. A única novidade que existe é que para alguns de nós que estamos juntos aqui hoje é a primeira vez que eu estou podendo repetir isso. Mas isso é o meu mantra. Eu repito em diferentes lugares onde tenho oportunidade de falar com pessoas que são de outra cultura, que tem outro entendimento do que nós estamos fazendo aqui na

Terra, de que nós podíamos andar com um pouco mais de cuidado e pisar suavemente sobre a Terra. E que talvez esse seria o melhor pacto que a gente podia (*sic*) fazer com a nossa Mãe para a gente adiar esse tão propalado fim do mundo (KRENAK, 2015, p. 152-153).

Os povos originários em suas ricas tradições compreendem que suas existências estão intrinsecamente ligadas à terra. Aliás, é comum ouvir sempre a expressão “mãe terra”. Os povos indígenas compreendem que são filhos da terra e que se tem vida é porque ela lhes foi conferida pela própria terra. A natureza ao seu redor não é um recurso natural, mas sim, meio ambiente que deve ser compartilhado e preservado por todos.

Enquanto o fenômeno da modernidade opera em um terreno de métodos e separação do humano da natureza, os povos indígenas na medida de suas forças buscam se apropriar de suas antigas tradições aliadas a tecnologia e a demarcação cultural para se integrar cada vez mais à natureza.

Pode-se dizer ainda que os escritos de Ailton Krenak vão além das fronteiras epistêmicas ocidentais na medida em que pensa o cuidado com este ambiente comum ao qual pertencem todos os seres humanos. E faz isso porque sabe que se existe uma constituição ontológica humana e se existe uma ética a partir da mesma é porque é o ser humano ser enquanto ser existente nesta imanência é porque tem suas raízes fundamentadas na dinâmica de uma existência que só existe porque a natureza permite a existência humana. É interessante pensar nesta perspectiva porque já no Cristianismo Patrístico sobretudo com figuras como Gregório de Nissa (2014, p. 16) havia uma compreensão da realidade existencial humana:

E como um bom mestre de casa não faz entrar o convidado antes de ter preparado os alimentos, mas depois que tenha preparado todas as coisas e decorado com ornamentos adaptados à casa, o assento da refeição, a mesa, e quando todas as coisas são preparadas para o jantar faz entrar o convidado no lar doméstico, do mesmo modo, aquele que, em sua imensa riqueza, é hóspede de nossa natureza, decora, antes de tudo, a casa com belezas do gênero e prepara um variado e magnífico festim; então ele introduz o homem para lhe confiar não a aquisição de bens que ele não teria ainda, mas o regozijo daqueles que se lhe oferecem. E, por essa razão, lança nele dois princípios de criação, misturando o terreno com o divino, a fim de que, através de ambos, tenha de maneira congênere e familiar o regozijo de um e de outro: de Deus através de sua natureza mais divina, dos bens terrenos através da sensação, que é da mesma ordem que esses bens.

Evidente que autores como o já supracitado Gregório de Nissa buscavam fundamentar a fé cristã a partir da própria exegese escriturística, mas também com os elementos próprios da filosofia Grega Antiga. Basta lembrar dos pensadores Pré-Socráticos os quais a tradição ocidental apresenta como os precursores de uma busca pela sabedoria que visa explicar a realidade encontrando a sua Arché, ou seja, aquilo que é a origem de todas as coisas. Este breve paralelo é importante para destacar que os primeiros filósofos a partir da própria realidade buscavam explicar a mesma. Em seus próprios

elementos naturais como o ar, a terra, o fogo e a água estes pensadores percebiam a relação profunda com a vida.

O que Ailton Krenak faz hoje não está distante de uma filosofia como se convencionou a chamar no ocidente. Sua reflexão também parte dos elementos naturais, na verdade, parte da degradação destes elementos como a poluição dos rios, as queimadas, a poluição do ar e a contaminação do solo. Ailton Krenak concretiza o que Paulo Freire (1988) aponta como sendo “a leitura do mundo precedente da leitura da palavra”. Porque antes mesmo do ser humano ser alfabetizado ele já possui uma leitura prévia da vida, da natureza no ambiente educacional acontece apenas formalização daquilo que já foi apreendido. Evidente que conteúdos mais complexos não se aprendem em casa.

Outro autor importante é Kaká Werá Jecupé, que como visto anteriormente, entende que “um índio não pisa na terra. Um índio toca a terra. Um índio dança sobre o chão agradecendo sobre todos os seres da terra, da água, do ar e do fogo” (JECUPÉ, 2002, p. 78-79). Reconhecer essa diversidade de pensamento é indispensável para o fortalecimento das relações entre os seres. “Agora somos uma realidade plural, não para nos excluir ou destruir, mas realizar e construir. A sintonia e a unidade com toda a criação não limitam nossa identidade, mas aponta à nossa plena maturidade” (WEIZENMANN, 2004, p. 45).

Embora criados neste mundo e sendo a terra o habitat do ser humano, ainda assim insiste-se em poluir, depredar, caçar até a extinção plantas e animais. É como se trouxéssemos todo lixo para dentro de nossa própria casa. Este modo de ser e agir em que é poluída, devastada a própria vida parece ser um tanto quanto irracional porque leva a destruição do próprio ser humano.

#### **4 A REALIDADE ACORDADA E A REALIDADE SONHADA**

Não existe muita diferença para os povos indígenas entre a realidade sonhada e a realidade acordada porque existe um movimento confluyente entre ambas as perspectivas. A realidade espiritual perpassa toda a realidade material e por isso mesmo cada ser é inundado da riqueza transcendente.

Enquanto o ser humano ocidental com seu racionalismo e métodos compreende o mundo que o cerca como uma realidade que pode ser moldada segundo sua carência e demanda. Esqueceu-se de que “[...] o ‘mundo’ todo é, para o homem religioso, um ‘mundo sagrado’” (ELIADE, 1992, p. 19). Se acaso se perde essa noção da existência de algo mais profundo que as meras aparências, logo se perde também a sensibilidade para com tudo o que existe e nesse movimento acaba-se por dar início a depredação de espécies animais e vegetais. No fundo da questão paira uma dinâmica na qual o ser humano ocidental ainda não se adaptou, não compreendeu:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestação do sagrado; é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa se manifestar em pedras ou árvores, por exemplo (ELIADE, 1992, p. 13).

O ser humano não é o dono exclusivo do espaço natural ele deve entender a divisão que é necessária de espaço com outros seres que também precisam de espaço para sobreviver. Enquanto o ser humano não assume sua verdadeira identidade que é ser “[...] destinado a transcender-se a si mesmo e ultrapassar o mundo visível e sensível” (SCHMITZ, 1984, p. 64) correrá o risco de permanecer encerrado em apenas nas sombras da vida não percebendo os impactos de sua existência por sobre outros seres. As consequências disso podem ser catastróficas não somente para o ser humano, mas também para as demais espécies habitantes deste vasto mundo.

Nesta perspectiva mercantilista insensível à existência de outros seres enquanto dignos há o risco de alimentar um elemento que pode conduzir a humanidade por um caminho incerto. Caminho esse que visa um aprofundamento em temas que visam justamente a superação capitalismo e assim, “o fundamentalismo é o remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e Pós Moderna [...]” (BAUMAN, 1998, p. 228). Superar essa perspectiva mercadológica e o superficialismo da vida é indispensável para que se possa buscar um entendimento mais profundo sobre a realidade a qual a humanidade pertence. Somente assim, após uma mudança de consciência em que o ser humano entenda que o seu real propósito existencial se configura por um outro viés, não como dominador, mas como um sábio administrador:

O verdadeiro domínio do homem manifesta-se não quando age qual predador e saqueador da terra, mas quando dela faz uma casa boa de se morar. E quando, a imitação do criador, luta contra as trevas, o caos e a morte, para fazer triunfar a luz, a ordem e a vida. O poder recebido de Deus e, por isso mesmo, de modo nenhum deve tornar-se maldição para o universo (WEIZENMANN, 2004, p. 41).

Não “tornar-se uma maldição para o universo” é um propósito interessante ser refletido e executado em um mundo com uma dinâmica existencial tão imensamente acelerada pelos dispositivos tecnológicos que tem tornado, inclusive, os relacionamentos acelerados. Não “tornar-se uma maldição para o universo” implica um reconhecimento e gratidão diante de todas as coisas criadas e que carecem de cuidado e proteção, não de devastação e morte. Enquanto existir essa dinâmica exploratória que possui características insaciáveis, mais e mais espécies animais e vegetais “caminharão no fio da navalha” da extinção.

Chegará o tempo em que cada vez mais os recursos naturais serão pauta de conflitos regionais e possivelmente mundiais. Como estes recursos não são renováveis a tendência é que sejam explorados até seu limite se não houver uma conscientização. E se nestes termos assim forem explorados haverá sempre quem se achará no direito de encontrar formas no campo judicial e depois

certamente apelando para a força bélica para tomar posse de tais recursos. A soberania e a liberdade de muitos povos estão em jogo, seu crime, manter sua fauna e flora preservados.

A natureza, especialmente no nosso tempo, está tão integrada nas dinâmicas sociais e culturais que quase já não constitui uma variável independente. A desertificação e a penúria produtiva de algumas áreas agrícolas são fruto também do empobrecimento das populações que as habitam e do seu atraso. Incentivando o desenvolvimento económico e cultural daquelas populações, tutela-se também a natureza. Além disso, quantos recursos naturais são devastados pela guerra! A paz dos povos e entre os povos permitiria também uma maior preservação da natureza. O açambarcamento dos recursos, especialmente da água, pode provocar graves conflitos entre as populações envolvidas. Um acordo pacífico sobre o uso dos recursos pode salvaguardar a natureza e, simultaneamente, o bem-estar das sociedades interessadas.<sup>1</sup>

Neste cenário de possibilidades conflituosas por causa de recursos naturais a que se perguntar: quais os interesses que realmente estão por trás de investimentos e financiamentos para que se preservem tais recursos? Será que existe uma autenticidade na preservação? Há de fato uma preocupação genuína com a proteção dos povos indígenas ou somente existem focos de apadrinhamento e atitudes politicamente corretas? Dependendo da resposta para cada uma destas questões estará sendo gestado o Brasil que se quer para o futuro. E esta é uma questão muito séria porque passa pelo crivo da autenticidade das ações humanas, suas éticas e moralidades se assim se pode afirmar.

Pensar no futuro para o qual queremos para as próximas gerações depende do esforço que se está disposto a efetuar no tempo presente. Discursos de ódio ou uma passividade exacerbada podem em ambos os casos esconder um lobo faminto em uma pele de cordeiro. Além de não se sustentarem alimentam suas pretensões megalomaniacas que em nada contribuem para o que realmente interessa, o futuro do país e do mundo. Por isso, fazer um discernimento sóbrio entre o que é real e o que é ilusório é indispensável.

Para nós permanece a contribuição da perspectiva indígena que entende que existem ambas as realidades sonhada e acordada. Considerar este elemento é essencial para a nossa reflexão na medida em que nos faz não mais pisar sobre a terra, mas tocá-la suavemente como um filho toca o rosto de sua mãe, com carinho e devoção filial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se após este percurso ditado pela necessidade de mudança de consciência sobre a realidade que de fato hoje para que se tenha um futuro sustentável é necessária uma atitude autêntica.

---

<sup>1</sup> CARITAS IN VERITATE, *in A Santa Sé (online)*, 2009, disponível em <[http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)>, acesso em 23 de maio de 2020.

É preciso que haja de fato uma mudança de perspectiva na direção da necessidade de se refletir sobre a autenticidade das atitudes humanas.

Pensar sobre a autenticidade das relações humanas e principalmente quando essas relações estão ligadas a natureza é indispensável para que de fato mudanças substanciais venham a acontecer.

Com o objetivo de analisar os escritos de autores indígenas brasileiros contemporâneos para neles encontrar os elementos chaves para uma compreensão mais profunda da dinâmica espiritual. Constatou-se que a compreensão dos povos indígenas transcende as meras especulações humanas e caminha na direção de uma profundidade espiritual e reflexiva do tempo presente como chave para um futuro em que o ser humano e a natureza possam coexistir de forma plena e interligada.

Neste processo de análise dessa densidade de significado literário que é a literatura indígena pode-se compreender a perspectiva de mundo que na perspectiva do pensamento indígena brasileiro contemporâneo pode oferecer para transformar a realidade imanente à luz de uma transcendência segundo suas realidades espirituais.

Realidade espiritual e a realidade física ambas coexistem em harmonia, mas esse equilíbrio vem sendo afetado pela ação concreta fruto de uma mentalidade mercadológica que explora de modo desenfreado a natureza. Se continuar assim, o ser humano estará apressando seu natural declínio. Abreviará sua existência e por aquela que é a mais extensa atitude egoísta, estará privando as futuras gerações de conhecer a beleza que é este mundo que temos hoje diante de nós.

A humanidade está presente em uma realidade em que a eternidade está tão próxima, mas pela ganância, egoísmo nem sequer nos damos conta da beleza que pode inundar nosso ser. O ser humano ocidental precisa se reconectar com sua essência e o pode fazer isso a partir das provocações que o pensamento indígena contemporâneo oportuniza. Esses saberes sistematizados na literatura têm possibilitado pensar a realidade por outro viés que é diferente dos saberes consagrados pela tradição ocidental.

Enfim, o que ditará uma mudança efetiva no quadro geral da realidade será a autenticidade de nossos propósitos e sobretudo, qual é o mundo que queremos para nós no futuro. A partir disso, certamente, haverá o reconhecimento dos saberes ancestrais, de sua diversidade epistêmica e normativa e uma preservação eficaz do meio ambiente. E por isso é tão importante desde já decolonizar o futuro que queremos para que não haja mais epistemicídios, invisibilização de outros povos e suas culturas. O futuro que se quer começa com a luta diária a partir de ontem, não é uma coisa que se pode esperar por mais tempo.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1988.
- JECUPÉ, Kaka Werá. Oré Awé Roiru'A Ma - Todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: TRIOM, 2002.
- JECUPÉ, Kaka Werá. Tupã Tenondé – A Criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- KRENAK, Ailton. Encontros. Sergio Cohn (org.). Rio de Janeiro: Azougue, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NISSA, Gregório. A Criação do Homem. Coleção Patrística, vol 29. São Paulo: Paulus, 2014.
- SCHMITZ, Egídio F. O Homem e sua Educação – Fundamentos de Filosofia da Educação. Porto Alegre: Sagra 1984.
- WEIZENMANN, Mariano. Leitura ecológica e algumas releituras teo (eco) lógicas de Gn 1-11. *In Revista Teologia em Questão (online) 5 (2004)*, p. 41, disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/38/43>>, acesso em: 04 de Junho de 2020.